

A VOZ DO ALUNO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LIVIA SANTOS DAS CHAGAS
PRISCILA MARIA DA SILVA
SAULO DOS SANTOS ROSAL
SERGIO HENRIQUE NOBLAT DE ANDRADE JÚNIOR
MARCELO SOARES TAVARES DE MELO
Escola Superior de Educação Física
Recife, Pernambuco- Brasil.
@esef. upe. br
(Universidade de Pernambuco)

APRESENTAÇÃO

As discussões na sala de aula são de fundamental importância no processo ensino aprendizagem, o aluno ao se expressar está ativamente participando da construção do saber. Embora o diálogo seja importante, porque este não se faz presente nas aulas de Educação Física?

Diante disso, esta pesquisa tem por finalidade de verificar o dialogo entre aluno e professor, na prática pedagógica, durante as aulas de Educação Física. O presente estudo é de pesquisa bibliográfica, esta que segundo Gil (1999) “explica que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida mediante material já elaborado, principalmente livros e artigos científico”.

Como subsidiarmos de algumas reflexões de Peter McLaren (1977) em sua obra A vida nas Escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação foi de extrema importância para a compreensão de fatores ligados ao meio ambiente escolar.

Outro autor que nos ampara é Paulo Freire(2005), em suas obras: Pedagogia do oprimido, que trata da relação opressor/oprimido e Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica, o qual expõe as características necessárias que o professor precisa ter para alcançar uma prática educativa com qualidade.

Além disso, utilizamos as nossas observações no “chão da escola”, numa escola pública, caracterizado como uma pesquisa ação. Esta conforme afirma Franco (2005) a pesquisa-ação crítica considera a voz do sujeito, sua perspectiva, seu sentido, mas não apenas para registro e posterior interpretação do pesquisador: a voz do sujeito fará parte da tessitura da metodologia da investigação.

Nesta não só observamos as aulas de Educação Física como tivemos a oportunidade de realizar regências, Experiência enriquecedora para o nosso processo de formação inicial.

DIÁLOGO: Antídoto para o Autoritarismo

A relação do professor com o aluno historicamente se estabeleceu pelo autoritarismo do professor, o qual não dava oportunidade dos alunos expressarem seus conhecimentos prévios, ele era o centro do saber, o detentor do conhecimento. É apresentada a concepção “bancária” como instrumento de opressão. Nesta visão o aluno é visto como sujeito que nada sabe, a educação é uma doação dos que julgam ter conhecimento.

O professor, nesse processo, “deposita” o conteúdo na mente dos alunos, que a recebem como forma de armazenamento, o que constitui o que é chamado de alienação da ignorância, pois não há criatividade, nem tampouco transformação e saber, existindo aí a “cultura do silêncio”, isto porque o professor é o detentor da palavra, criando no aluno a condição de sujeito passivo que não participa do processo educativo. Segundo Freire (2005): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, esta famosa frase pareceu, a princípio, ter um efeito bombástico entre os educadores porque denunciou toda opressão contida na educação, em especial na concepção bancária, que na sua essência torna possível a continuação da condição opressora.

Partindo dessa perspectiva, podemos fazer uma analogia da pedagogia do oprimido de Paulo Freire (2005) com a sala de aula, o professor como o opressor e os alunos como os oprimidos, porém para superar essa realidade se faz necessário que o diálogo aparece no cenário como o grande incentivador da educação mais humana e até revolucionária. O educador antes “dono” da palavra passa a ouvir, pois “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. Isto é justamente o que foi chamado de mediatização pelo mundo, espaço para a construção do profundo amor ao mundo e aos homens.

Ainda segundo Freire (2005), o diálogo começa na busca do conteúdo programático. Para o educador-educando, dialógico, problematizador o conteúdo não é uma doação ou uma imposição, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização, é ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesmo. Expressar-se expressando o mundo, implica o comunicar-se.

A RELAÇÃO PROFESSOR / ALUNO: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS ATRAVÉS DA VOZ

Para tentar mudar essa situação educacional encontramos alicerces teóricos que nos ajudaram a construir um novo olhar e um processo de renovação na situação em que nos encontramos.

Tomamos como início os dizeres de McLaren (1997), em que os professores precisam entender como as experiências produzidas nos vários domínios da vida cotidiana produzem, por sua vez, as diferentes vozes que os alunos empregam para dar sentido aos seus mundos e, conseqüentemente, à sua existência na sociedade em geral.

O professor precisa entender que o aluno ao chegar à escola, ele traz consigo várias possibilidades de vivências e o professor ao lidar com essas experiências deve ter o cuidado de selecioná-las por estas procederem de diversos valores, discursos e subjetividades. Caso não ocorra a seletividade de experiências poderá acontecer uma falha na comunicação com os alunos que poderá interferir no processo de aprendizagem.

Segundo McLaren (1997) a voz do aluno não é um reflexo do mundo quanto é uma força constituinte, que exerce o papel de mediadora dá forma à realidade dentro de práticas historicamente construídas e relações de poder.

É como se o aluno nem sempre fora escutado por, muitas vezes, foi preparado como mão de obra alienada para seguir uma ideologia dominante como se o aluno fosse um “deposito” de informações vazias em si mesmas.

Para a mudança é preciso um dialogo ativo entre professores e alunos, nesse sentido entra a voz trazendo especificidades culturais e históricas. Com isso, “podem aprender a se libertar do controle autoritário do discurso da classe média como forma de auto-afirmação, sem rejeitar nem ao seu próprio discurso de classe trabalhadora, nem, no caso, o discurso da classe média” (MACLAREN, 1997).

Com isso a voz assume o papel de mediadora da relação professor e aluno e que a mudança começa pelo professor por ter conhecimentos científicos.

Segundo McLaren (1997) é por muitas vezes por intermédio da voz do professor que a natureza primordial do processo escolar é sustentada ou desafiada. O poder da voz do professor em modelar o ensino de acordo com a lógica de interesses emancipatórios é inextricavelmente relacionada não apenas a um alto grau de autocompreensão, mas também à possibilidade dos professores encontrarem-se em uma voz coletiva como parte de um movimento social dedicado a reconstruir as condições ideológicas e materiais tanto dentro quanto fora do ensino. Assim, devemos entender o conceito da voz do professor em termos de

seus próprios valores, assim como em relação ao modelo como funciona para modelar e intermediar as vozes da escola e a voz dos estudantes.

O professor faz parte desse processo como mediador e incentivador. Junto com o aluno transformasse num poder coletivo, por conseguinte intervir em uma mudança social por meio de um processo emancipatório. Chegando a ultrapassar os muros das escolas.

Para Freire (1996) o professor não deve poupar a oportunidade para declarar sua opinião sobre determinado fato ou situação porque para o aluno o professor é uma figura de referência, de admiração e possuidor de uma “verdade” e quando o professor não dialoga com o aluno passa uma insegurança.

O professor tem que saber que ele não possui a verdade para isso ele tem que ter humildade em dizer ao aluno que não possui a resposta, mas qual o professor que tem essa postura? Para isso Freire (1997) diz que durante as práticas o professor tem que deixar manifestar o outro, através de uma abertura e disponibilidade para o conhecimento da vida e desafios.

Segundo Freire (1997) o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.

Isso quer dizer que uma barreira pode ser quebrada a dá comunicação através de uma abertura por parte do professor. Porque tudo começa na escola porque é dá escola que o olhar crítico começa por meio de um estímulo e de uma rotina. Infelizmente ainda existe essa barreira porque para o professor o autoritarismo é mais fácil, ele fala o aluno obedece. Ensinar a pensar é difícil, qual o professor que quer encarar esse dilema? Primeiramente, a cultura dominante impõe algumas normas em sociedade e algumas ideologias de mercado; segundo estamos indo de encontro há uma historia educacional em que o aluno não foi ensinado a pensar. Terceiro aqueles que tentaram foram afastados de seus países de origens.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA NO “CHÃO DA ESCOLA”

As vivências, na unidade de ensino de uma escola pública, aconteceram no mês de setembro, do ano de 2010, com as turmas do 2ª ano (A e B) que receberam uma intervenção com os acadêmicos do curso de Educação Física, do 5ª período de Licenciatura, da Universidade de Pernambuco.

A idéia de intervir em uma escola emergiu a partir de uma disciplina da graduação. Esta orientou que fosse realizada, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica para fornecer subsidio para compreensão da prática pedagógica. Após o estudo buscamos articular o conhecimento abordado em sala de aula/Universidade com realidade do ensino público.

Desse modo, as intervenções aconteceram da seguinte forma: foram divididos os acadêmicos em pequenos grupos, especificamente em trios. Tendo a regência de um grupo por semana em que abordou o conteúdo esporte, precisamente basquetebol. Os demais realizaram observação participante. Assim, Segundo Marconi et al(2006) consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo, ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele.

Com relação à escolha do conteúdo, este se deu em consonância com planejamento de ensino do componente curricular, no caso da Educação Física. Que previa para esta unidade pedagógica o conteúdo esporte.

A metodologia de ensino desenvolvida pela disciplina nas aulas foi realizada em três momentos: no primeiro momento um diagnostico, através de resgate de aulas anteriores e explicação dos objetivos das aulas. Segundo momento, atividades sobre o conteúdo, no caso basquetebol, como fundamentos, regras e funções, numa perspectiva lúdica. No terceiro momento, a avaliação, através de questionamentos, opiniões, participação nas atividades por parte dos alunos.

Neste sentido, o conhecimento se processou numa relação dialógica, em que professores e alunos puderam compartilhar experiência com intuito de enriquecer o

desenvolvimento das aulas. Logo, a partir desta metodologia de ensino podemos estabelecer relações com a vida dos sujeitos, tais como autonomia nas tomadas decisões, cooperação e respeito às regras de convivência social, dentre outras.

Para Freire (2005) ensinar exige disponibilidade para o diálogo. Segundo ele, o processo educativo requer, antes de tudo, o reconhecimento do diálogo como instrumento que possibilita a consolidação de ouvir o outro com intuito de apreender sobre a realidade, a história de vida, o conhecimento que os educados trazem consigo para escola.

A partir disso, entra-se a voz que irá articular a relação entre professor e aluno, para que de fato as histórias de vida dos alunos adentrem no convívio escolar como fator fundamental que irá interferir no processo de aprendizagem durante as aulas.

Desse modo, acrescentamos com McLaren (1977) que a voz é um conceito pedagógico importante, porque alerta os professores para o fato que todo o discurso é situado historicamente e mediado culturalmente, e parte do seu significado deriva da interação com os outros.

Deste modo é crucial que os educadores considerem a questão de como o mundo social é experienciado, mediado e produzido pelos alunos. Uma falha neste ponto impedirá não apenas que os professores penetrem nas emoções e interesses que constituem a singularidade da voz dos alunos, mas também dificultará a criação do próprio momento de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados e da experiência na prática pedagógica, concluímos que o diálogo é importante para diminuir os conflitos de valores, discursos ideológicos e sujeitos de uma diversidade cultural.

Podendo possibilitar as trocas de saberes entre professor e aluno, quando o professor permite que os alunos participem nas aulas e expressem suas opiniões, enfim para que a construção do saber seja coletiva. O conteúdo deva ser articulado com vida para que assim exista um real significado para aquilo que se aprende nas aulas. Este trabalho foi de bastante importância para o nosso processo de formação, pois, nos possibilitou compreender a importância de termos um olhar diferenciado em relação ao principal sujeito da nossa prática pedagógica: o aluno.

REFERÊNCIAS

- FRANCO, Maria Amélia. **Pedagogia da Pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005**
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa.** 31ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas.** Ed. 3ª São Paulo: Atlas, 1991
- _____. **Pedagogia do oprimido.** 44ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MACLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** 2º Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisas e elaboração, análise e interpretação de dados.** Ed. 6ª. São Paulo: Atlas, 2006.

PALAVRAS CHAVES: Diálogo, Educação Física, Escola

Livia Santos das Chagas
Rua da Esperança, 490- Barro
50900-100- Recife- Pernambuco
Email: Lillisantos@bol.com.br
Fone: (081) 3254-6898 - (081) 8769-4386